

# Entrevôos macarrônicos

CARLOS EDUARDO SCHMIDT CAPELA  
UFSC

*Sempre, porém, que, de um modo brusco, bouve, em uma nacionalidade qualquer, irrupção de elementos estrangeiros, toda a vida literária ou desapareceu ou se amesquinhou. E a nossa nacionalidade se está fazendo por essa invasão tumultuária de elementos diversos, estranhos, variegados, mal distribuídos pelo território.*

Medeiros e Albuquerque

A produção macarrônica brasileira vigorou notadamente entre as décadas de 1910 e 1940. Sua longevidade e abrangência, a quantidade de escritores que dela se ocupou, a manutenção de uma série de características comuns são, entre outros, alguns dos fatores que permitem considerá-la um gênero textual particular.

Seu principal meio de difusão foram periódicos diversos. Dentre estes ocupam lugar especial *O Pirralho*, revista paulistana que entre 1911 e 1917 acolhe diferentes cronistas macarrônicos, com destaque para Juó Bananére, personagem ítalo-brasileira de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado; o jornal carioca *A Manhã*, de Aparício Torelly, onde entre 1926 e 1947 é publicada farta colaboração em macarrônicos do italiano, do alemão, do "turco" (como já então se aludia aos imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes), do português, boa parte dela criada pelo próprio Aparício, e que conta ainda, durante

certo intervalo, com as participações de Juó Bananére e de Furnandes Albaralhão, a personagem lusitana interpretada por Horácio Campos; e o *Diário do Abax'o Piques*, também de São Paulo, fundado por Alexandre Marcondes Machado, que circulou entre maio e outubro de 1933, onde ao lado das crônicas, reportagens e poemas de Juó Bananére surgem textos em macarrônico do alemão, do português de Portugal e, em homenagem a participantes mais recentes da história da imigração para o Brasil, do japonês.

Toda a produção macarrônica obedece a um princípio básico: a autoria dos textos é atribuída a uma personagem de origem estrangeira, que simboliza algum dentre os principais grupos imigrantes instalados no país. A representação ancora-se fortemente na linguagem, que é sempre macarrônica, ou seja, composta a partir de uma combinação, em grau variável, de termos e expressões do português brasileiro, que recebem uma notação gráfica feita de modo a lembrar a aparência de uma língua estrangeira sobreposta (ou "estrangeirada", como é o caso do português de Portugal) e de termos e expressões desta última, em geral também adulterados. O grosso da estrutura sintática é emprestado do português local — os leitores, com efeito, são brasileiros, importando aos autores "reais" no mais das vezes sugerir, com essa linguagem híbrida, formas usuais de expressão de membros dos grupos imigrantes representados, quando estes procuravam comunicar-se em "brasileiro". A criação de escritos com este tipo de linguagem "bastarda", textos que muitas vezes dialogam com originais da tradição literária, ou emprestam formas e modelos de composição consagrados, constitui uma evidente transgressão às "ordens" do discurso dominante — mais ou menos autorizada<sup>1</sup> —, nascendo daí parte do sabor do gênero.

---

1. Sobre a questão da transgressão autorizada de normas, consultar, entre outros, Linda Hutcheon, *Uma teoria da paródia* (Ensinamentos da formas de arte do século XX), Lisboa: ed. 70, 1989; e Mikhail Bakhtin, *Problemas da poética de Dostoiévski*, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981, e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, São Paulo: Hucitec/UNESP, 1987.

Ainda que mínimas, estas indicações sinalizam o largo terreno para a invenção pessoal que se abria aos autores que se dedicaram ao macarrônico. A exploração, por estes, do amplo leque de possibilidades expressivas torna difícil, por outro lado, propor uma descrição que abarque, em sua generalidade, as diferentes linguagens específicas, dado o número de variáveis possíveis, por sua vez relacionadas aos estereótipos mais comuns associados às personagens interpretadas. Para italianos, por exemplo, a matriz sintática privilegiada é a da linguagem falada cotidiana, enquanto para os alemães ocupa maior relevo a imitação de estruturas do português escrito. Isso sem falar no macarrônico do português de Portugal, composto sobretudo a partir de particularidades prosódicas manifestadas por falantes de uma mesma língua, ou duas línguas bastante semelhantes.

Algo porém revela-se essencial: seja qual for a variante, a linguagem macarrônica sempre projeta diferenças, e não apenas lingüísticas, tanto entre estrangeiros e brasileiros como entre estrangeiros dos vários grupos interpretados. Se a linguagem é o dado que de imediato concretiza tais diferenças, estas todavia transcendem-na, abrangendo outros domínios sócio-culturais. Por isso o macarrônico ser, como qualquer fenómeno híbrido, essencialmente relacional.

Outra propriedade do macarrônico é sua localização no campo vasto do cômico, espaço aliás ao longo da história reservado para criações e formas culturais que desrespeitaram fronteiras traçadas em nome de algum tipo de convenção rígida. Ao lado do cômico da linguagem, repleta de trocadilhos e chistes, o macarrônico opera ainda, para lembrar a distinção clássica de Bergson, com as comichidades de caráter e de situação.<sup>2</sup> A essa última categoria subordinam-se as inúmeras paródias macarrônicas, que notabilizaram as personagens de Juó Bananére e Furnandes Albaralhão. O leque de modelos e formas composicionais

---

2. Henri Bergson, *Le rire* (Essai sur la signification du comique), 7<sup>a</sup> ed., Paris: Quadrige/PUE, 1993.

empregados, de modos e tons discursivos, retóricos, a enorme diversidade de elementos e recursos expressivos, a proliferação de situações, mecanismos e estratégias de criação do riso, traços como estes, em conjunto, fazem que a produção macarrônica constitua uma pequena enciclopédia do cômico, ainda pouco consultada.

Com o trabalho de Alexandre Marcondes Machado, Aparício Torelly e Horácio Campos o gênero atinge seu apogeu. Tais autores, em parcela de seus textos, superam as barreiras estabilizadoras dos estereótipos, explorando com consciência e desenvoltura potencialidades expressivas e criativas do macarrônico. Isso pode ser mais facilmente observado em paródias satíricas de Juó Bananére e Fernandes Albaralhão. Nesses textos os autores refuncionalizam estigmas associados às imagens pejorativas de imigrantes italianos e portugueses pobres, imersos no cadinho tão desprezado da “cultura popular” das primeiras décadas do século XX — em que influxos nacionais e internacionais se confundiam. Os preconceitos são normalizados e normatizados, e então empregados como marcos, como referencial para um processo de dessacralização cultural. Língua e cultura macarrônicas, “línguas-párias” e “culturas-párias”, tornam-se metro para uma re-interpretação da “Língua-Pátria” e da “Cultura-Pátria”, desta forma trazidas para a arena comum das diferentes práticas, costumes e valores sociais.

Tal oposição impõe um corte relativizador, à condição contudo, e fundamental, de que o leitor descarte seus preconceitos de classe e de raça com relação aos estrangeiros, sem o que ele não compreenderá o alcance crítico das paródias satíricas. Desta maneira, é em absoluto “necessário que o leitor mobilize conjuntos de valores sócio-culturais provenientes de (...) comunidades, de (...) grupos sociais diferentes... [E]le precisa colocar lado a lado tais valores, contrapô-los, considerando no caso manifestações da cultura e da literatura eruditas do ponto de vista da cultura popular”<sup>3</sup> e imigrante.

---

3. Carlos Eduardo Schmidt Capela, “O diálogo plural de Juó Bananére”, em *Travessia*

É verdade que no extremo oposto, e mesmo nos casos de Alexandre Marcondes Machado e de Horácio Campos, figuram textos em que marcas e atitudes estereotipadas normalmente associadas aos imigrantes são apenas reiteradas, tornando-se as personagens motivos antes de tudo ridículos. A postura dissonante, exemplificada com as paródias satíricas, e essa postura consonante, quando preconceitos contra estrangeiros são repisados ao invés de refuncionalizados, conformam o espaço de atuação do macarrônico. Neste último caso, diferenças projetadas pelo gênero são domesticadas segundo o filtro do senso-comum, modulado por interesses oficiais: o macarrônico alinha-se então a um pensamento conservador, em essência instrumental, que só admite o estrangeiro enquanto mão-de-obra barata e abundante, como um “corpo trabalho”, na sugestiva expressão de Abdelmalek Sayad.<sup>4</sup> Desprovidas de humanidade, as personagens congelam-se em espantalhos; sofrem um processo de espoliação que reduz ao mínimo o aspecto desestabilizador que portam, algo de análogo ocorrendo com o potencial crítico, relativizador, dos textos.

Voltando às paródias satíricas, deve-se ressaltar que elas opõem dois sistemas culturais, o “erudito” e o “estrangeiro” de matiz “popular”, cujo conhecimento é pressuposto. É legítimo imaginar que os autores se valessem do contato direto dos leitores da época com manifestações culturais de imigrantes, encontráveis no cotidiano de ruas e bairros de cidades povoadas por imigrados e descendentes, como São Paulo e Rio de Janeiro. Os macarrônicos, contudo, em especial nos três autores em

---

(Revista de Literatura), Florianópolis: UFSC, n. 31, ago.95/jul.96, p. 158. Neste ensaio discute-se o conceito de paródia satírica, postulado por Linda Hutcheon, em *Uma teoria da paródia*, ob. cit. Para uma caracterização mais ampla de aspectos do gênero macarrônico, sobretudo em sua relação com formas e práticas culturais instituídas, ver também, de minha autoria, “Língua-Pátria, Línguas-Párias”, em *Revista da ANPOLL*, n. 4, jan./jun. 1998; pp. 39-64.

4. Abdelmalk Sayad, “A ordem da imigração na ordem das nações”, em *A imigração* (ou Os paradoxos da alteridade), São Paulo: EDUSP, 1998; p. 273.

questão, foram publicados serialmente, o que exigiu a manutenção de uma coerência mínima no que tange às representações, fruto de um processo reiterativo. Isso significa que os autores se viam forçados a continuamente retocar a imagem dos estrangeiros interpretados, ao sabor e ritmo das circunstâncias, isso notadamente quando em seus textos divergiam do discurso conservador.<sup>5</sup>

Como, pondo de lado os textos conformistas, há sempre e de todo modo um ensaio de representação, torna-se pertinente a colocação de algumas questões: se os imigrantes figurados ocupam um espaço de alteridade, que possui algum vigor crítico, como esta alteridade foi construída? Levando em conta que as personagens vivem no Brasil, as experiências da emigração, e do ser estrangeiro, foram consideradas no processo de caracterização? Mais: essas experiências foram transpostas quando as personagens referem-se à sociedade e à vida social brasileiras? Supondo que a transposição tenha ocorrido, há algo que, a partir daí, elas “ensinavam” aos leitores, à parte o equívoco do absolutismo cultural?

Questões como essas norteiam a discussão em curso.

No período de maior vigor do gênero macarrônico foram lançados diversos livros de ficção cujo enfoque privilegia personagens de estrangeiros, pondo em relevo alternativas trazidas pela sua presença no país, em contato com habitantes locais, no campo e na cidade, compartilhando um mesmo processo histórico.<sup>6</sup> Delineia-se assim,

---

5. Para Juó Bananére, Alexandre Marcondes Machado chega a desenvolver uma seqüência narrativa, entrecortada por certo, de maneira que a personagem adquire vida própria, incorporando-se ao cotidiano da cidade de São Paulo (isso notadamente na época em que colaborava em *O Pirralbo*). Sobre esse ponto ver minha Tese de Doutorado, *A farsa como método* (A produção macarrônica de Juó Bananére nas revistas *O Pirralbo*, *O Queixoso* e *A Vespa*: 1911-1917), Leuven, 1996 (vol. I).

6. Enquadram-se aí *Madame Pommery* (1920), de Hilário Tácito; *O estrangeiro* (1926), de Plínio Salgado; *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927), de Antônio de Alcântara

naquele momento, um razoável esforço por apreender o ser problemático e problematizador do imigrante. Em vista disso, seria interessante efetuar um trabalho comparativo entre as diversas representações dos estrangeiros então realizadas, em busca de possíveis correspondências entre o “erudito” e o “popular-seriado” do macarrônico. De passagem, vale observar que há indicações sobre a plausibilidade da ocorrência do diálogo acima sugerido. Uma delas é um testemunho revelador de Antônio de Alcântara Machado, feito em seu elogio fúnebre a Alexandre Marcondes Machado, quando enfatizou não apenas o caráter modelar da expressão macarrônica de Juó Bananére como ainda assinalou o alcance representativo da personagem do imigrante italiano pobre forjada pelo escritor.<sup>7</sup>

Seja como for, a leitura de textos macarrônicos dos autores citados revela que em boa parte deles esses conseguiram, de modo bem-humorado, simbolizar e refletir, através de suas personagens, a

---

Machado; *Salomé* (1940), de Menotti del Picchia; *Amar, verbo intransitivo* (1927), além de contos de *Primeiro andar* (1926) e de *Belazarte* (1934), de Mário de Andrade; *Os condenados* (1922), *Marco zero I: A revolução melancólica* (1943) e *Marco zero II: chão* (1946), de Oswald de Andrade; *Cosmópolis*, de Guilherme de Almeida (as reportagens são de 1929); *Fazendo a América* (1942), de Serro Azul; *Filhos do povo* (1942), de Tito Batini; *Um rio imita o Reno* (1948), de Vianna Moog; *Filhos do destino* (1951), de Hernani Donato; *Fazenda* (1940), de Luis Martins, entre outros.

7. “Do escritor só se pode dizer bem. Antes e depois dele muitos tentaram poetar e prosar na língua misturada do Braz. Todos ficaram muito longe do autor da *Divina Encrenca*. O português macarrônico dos italianos de São Paulo teve em Juó Bananére o seu grande estilista. Há-de ficar clássico.” Mais adiante, agora aproximando o trabalho de Alexandre Machado do de Voltolino, Alcântara Machado observa: “O escritor e o desenhista se completam na fixação de um tipo que resume quasi todo o pitoresco de São Paulo”. Antônio de Alcântara Machado, “Juó Bananére”, em *Cavaquinho e saxofone*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1940; p. 259. Ressalte-se ainda que Oswald de Andrade praticou também o macarrônico, tendo mesmo antecedido Alexandre Machado em *O Pirralho*, com a personagem italiana de Annibale Scipione.

complexa experiência brasileira dos imigrantes, sobretudo os que se fixaram em centros urbanos — as negociações por eles realizadas, concessões e imposições que fizeram para serem ouvidos e aceitos, enfim respeitados. Há textos macarrônicos que sugerem dilemas enfrentados por seres que se viram forçados a reconstruir seus sistemas de referências, equilibrando-se entre um passado interrompido pela viagem, que precisavam re-significar, e um presente que exigia sua compreensão e participação, algo dificultado pela condição de estrangeiros.

Essa situação ambígua, em que a lembrança do que foi e a incerteza quanto ao que virá se confundem, é, nos macarrônicos, transfigurada na e pela própria linguagem. Esta traz impressa o signo da mobilidade, do deslocamento que solapa ao imigrante a sensação ou a ilusão de estabilidade que lhe fornecia o estar ao lado dos seus pares, no lugar que imaginava seu, ao mesmo tempo que os força a se situar, e a se redefinir, num terreno sobre o qual de antemão pouco ou nada conheciam, e que necessitaram conhecer. A linguagem desenha, no livre fluxo de formas e expressões, este tateio, esta dinâmica.

No terreno da prosa brasileira que focaliza imigrantes, tal experiência, tal tipo de instabilidade com a qual lida o estrangeiro, e que por sua vez lança reflexos sobre o ser nacional, esta experiência foi muitas vezes posta de lado em favor da criação de situações e contextos que apontavam para a inevitabilidade, para a necessidade programática, ou o desejo mais ou menos confesso da assimilação dos forasteiros. Neste caso a diferença, ponto de partida obrigatório dos relatos, vai pouco a pouco sendo atenuada, diluída até perder suas cores mais fortes, em nome da ênfase no processo de integração, unidirecional, que relega a segundo plano trocas e influências mútuas, quando não as esquece de vez.<sup>8</sup>

---

8. Ainda aqui António de Alcântara Machado pode oferecer uma boa ilustração, com



Trata-se, no fundo, de uma estratégia feita em nome de um anseio de purificação, de um ideal de pureza que confunde diversidade com adversidade, buscando daí singularizá-la. Nos casos mais radicais tal procedimento redundava no clamor, feito sempre em nome dos altos interesses “nacionais”, pela eliminação pura e simples de imigrantes ou outros seres estranhos, indesejáveis. Ou mesmo em sua execução simbólica, como ocorre em *O estrangeiro*, romance em que Plínio Salgado esboça algumas das idéias racistas mais tarde reelaboradas no programa integralista.<sup>9</sup>

Ora, a condição de existência do gênero macarrônico é função da preservação de um mínimo de alteridade, mesmo que essa fique

---

seu conto “Nacionalidade”, que sintomaticamente encerra *Brás, Beçiga e Barra Funda*. Ali, a personagem do barbeiro Tranquillo Zampinetti, antes fanático por tudo que se referisse à Itália, passa por um franco processo de “abrasileiramento”, que culmina na sua demanda de naturalização. Também no caso de estudiosos e historiadores da cultura algo análogo por vezes acontece. Elias Thomé Saliba, por exemplo, em artigo sobre Juó Bananére, ao enfatizar a “dimensão ‘caipira’” dos temas e da linguagem articulados pela personagem, opta por reforçar a identidade entre as representações do italiano e as do caipira, em detrimento das diferenças; o “estrangeiro” é com isso subsumido pelo “nativo”; em “Juó Bananére e o humor ítalo-caipira”, *Revista de Cultura Vozes*, n. 3, maio-junho 1992; pp. 53-57. Nicolau Sevckenko, apoiando-se na leitura de Saliba, cita a produção de Alexandre Machado com Juó Bananére como um dos sinais da tendência “nacionalista” que percorreu a cultura brasileira no início do século; em *Orfeu extático na metrópole* (São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20), São Paulo: Cia das Letras, 1992; p. 249. Nos dois casos há um “seqüestro” do perfil italiano da personagem, e de seus textos.

9 Sobre o conceito de pureza, relacionado ao domínio da ordem, consultar os instigantes ensaios de Zygmunt Bauman, em especial “O sonho de pureza” e “A criação e anulação de estranhos”, em *O mal-estar da pós-modernidade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Para uma análise do modo como personagens de imigrantes são retratadas em *O estrangeiro*, estudado em contraponto a *Madame Pommery*, de Hilário Tácito, ver meu ensaio “O industrial e a prostituta no país dos coronéis”, publicado nos *Anais do VI Congresso da ABRALIC*, org. Raíl Antelo, Maria Lúcia de Barros Camargo e Ana Luíza Andrade, Florianópolis: NELIC, 1999 (edição em CD).

próxima do grau zero. Há ainda um risco complementar que o cerca: o da opacidade. O perigo aí é o de uma certa “guetização”, um fechamento das personagens em campos de práticas e interesses afins de seus conterrâneos. No campo lingüístico, a anulação da diferença implicaria no uso do português brasileiro, enquanto o fechamento significaria o recurso à língua materna do grupo simbolizado. O macarrônico, não é demais repetir, é tributário de uma política do híbrido.

É portanto fundamental, para a definição das personagens, a delimitação de um lugar movediço, um estratégico “entre-lugar”. Tal situação, em que é necessário um certo equilíbrio entre a inserção no grupo de origem — no interior do qual ecoam referências à e da nação que ficou para trás, além de alusões ao próprio grupo, vindas dos que dele não participam — e a inserção no novo país — sobre o qual os estrangeiros, por sua vez, também projetam avaliações —, define os limites representacionais do gênero.

Para verificar quando e como esse difícil equilíbrio foi conseguido pelos escritores em foco torna-se imprescindível um trabalho de análise, contemplando em particular textos dissonantes, em que o gênero exibe o melhor de sua carga problematizadora. A amplitude da produção macarrônica, entretanto, exige a realização de outros recortes. O primeiro deles diz respeito ao momento: os textos investigados foram publicados entre os anos de 1931 e 1933. O seguinte concerne ao periódico onde os originais apareceram: o jornal *A Manhã*, que durante boa parte daquele intervalo contou com a colaboração concomitante dos escritores destacados. O recorte final contempla o universo temático: os assuntos escolhidos figuram entre aqueles de grande repercussão na época.

A aviação é um dos temas. Dado o poder galvanizador de conquistas técnicas, de par com proezas de aviadores, os sucessos da história imediata da aviação impregnaram-se no imaginário da população ocidental das primeiras décadas do século XX. Tratando-se de um processo

de domínio de um novo campo, de aquisição de saberes e realização de aventuras inéditas, o desenvolvimento da aviação foi não raro descrito com tintas épicas — em que inclusive ecoava o fundo mitológico que o poder e o anseio de voar evocavam. O empreendimento ganha os contornos de uma corrida, de uma disputa na qual os participantes concorriam para ter a primazia de viabilizar e/ou alcançar feitos antes apenas imagináveis.

Em virtude do triunfo do “princípio de nacionalidade” que sobreveio após a 1ª Guerra Mundial, aviadores e inventores passaram a ser relacionados às nações a que pertenciam. Pilotos, cientistas e inventores são tomados, pelos meios de comunicação de massa (que também neste momento vivem forte incremento), como símbolos nacionais, expressando a genialidade, o descortino e o destemor de uma raça, mobilizando a paixão de seus compatriotas. A aviação, a exemplo do que ocorreu com os esportes, de que é inclusive ramo, ou foi, fornecia a possibilidade de que “até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos [pudessem] se identificar com a nação, simbolizada por [homens] que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz... O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação”.<sup>10</sup>

Esta almejada participação do cidadão comum num esforço assumido como coletivo é, entre as personagens macarrônicas, traduzida pelo uso acentuado da 1ª pessoa do plural. Por aí já se indica o aproveitamento do aspecto aglutinador de que o tema se reveste. Assim, Furnandes Albaralhão, numa crônica que prima pelo absurdo da situação criada, e da tessitura narrativa, desenvolve uma nova versão para a descoberta da “Nebigação aiéria”, vista por ele como resultado inevitável do “engenho lusitano”.

---

10. Eric J. Hobsbawn, *Nações e nacionalismo desde 1870* (Programa, mito e realidade), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; p. 171. O conceito de “princípio de nacionalidade” é proposto pelo autor.

## TRAVESSIA

*Se bai assumpto de ribbancia, é fóra de dubida a nebigaçõn aiéria.*

*Pritendem us bisturiadores que essa inbençõn foi discuverta prum vrazilairo, um tale Du Monte, mas birgula! Foi portuguez e pru signal que u transmuntano Vridiródes de Megalbães! Ora, nós us portuguezes, discuvrimos a nebigaçõn meritima e a nebigaçõn tirrestre. Era d'ispráre que tamvaim discuvrissimos a aiéria!*

*U mutibo da discuvidella dibeu Vridiródes a uma uivstruaçõn physica e latente. Istava esse petricio isticado na rélba a discansáre, mas puraim de vocca averta.*

*Di repente, sdím que él isprasse, inguesgou-se. Qu'é que faz u ga[j]o? Deu uma cusparada pru áre.*

*Acunticeu que bentaba forte. U bento pigou-lbe u cuspo de lado e fêl-o discribêre uma linba recta, curba i trianguláre ao masmo tempo.*

*U Vridiródes deu um sôco na queveça! Tinba discuverta a nebigaçõn aiéria!...*

*Cumiçaram antião us primairos istudos preparatorios. U nosso qu'rido savio mitteu-se nu seu guevinete e distinbulbeu a primaira fórmula giometrica:*

$$x = \frac{\frac{d}{b} - c}{Vd}$$

*Dabi a cinco dias, adibido a insprienças infectuadas cum mais cautela (o Vridiródes era muito cautiloso), elle cbigou á siguinte cunclusão:*

$$x = \frac{4m \left( \frac{6}{b} - 2 \right)}{5re - 4y}$$

*Inda num era vastante! Elle disduvrou-se! Não dalxou ninguatm pinitratre nu guevinete! Dona Liucadia, a mulbere d'el, quiz apprximar-se-lbe, mas libou com um tamanco na queveça que lbe fez logo um quelomwo. U biróe qu'ria ficaire só. Fez-se-lbe a buntade.*

*Infim, passados dias dispois, ubiu-se um zurro d'al'gria. U bomemzinbo me sabe pulando du quarto, com um papéle na mão, amustrando-o a todos:*

— Cá está! Bejam!

$$\frac{by - 4re}{2} \div y - Vcdm =$$

*ariuplanó. Estaba discuverta a nebigaçõn aiéria!*<sup>11</sup>

A ironia da história, numa história repleta aliás de ironias, é que a personagem do cronista, invertendo o preconceito, compensa a defasagem portuguesa no campo da técnica e da tecnologia reputando o pioneirismo do compatriota ao exercício de um raciocínio antes teórico que prático. A inteligência portuguesa é interpretada em clave abstrata, estruturando um relato cuja atmosfera heróica cria sugestivo curto circuito com expressões e ações vulgares.

Solução mais comum que o recurso à fantasia é a referência a conterrâneos que tiveram importância efetiva no desenvolvimento da aviação. Em situações como tais, mesmo o atraso técnico e teórico do presente, para os portugueses, é relativizado graças à ênfase posta no ineditismo de feitos e invenções do passado recente. É o que se verifica em texto não assinado, possivelmente de Aparício Torelly, em que o cronista lusitano tece elogios a Gago Coutinho, acentuando-lhe o valor de sorte a minimizar a importância do estágio tecnológico alcançado pelos alemães. A motivação para o texto é dada pela iminente viagem do hidroavião germânico "Do-x" a Fernando de Noronha:

*Ais ultimas nutiças prucedentes de Bulama incummunicamos que u poderoso bidro-abião DO-X, já stá rompto para lebantaire u bõ em direcção á ilha de Furnando Nuronba, que fica pertinho da costa d'Africa.*

*Sigundo essas nutiças, ainda se save que u vrabo almirante Gajo Coutinbo, birá nu grande appirêlbo, munido du seu femoso seistante, saim u quali afinal, não pudtria se mecheibe u tale ariuplano.*

---

<sup>11</sup> Fernandes Albaralhão, "Nabigaçõn aiérea", "Supprimento de Purtugali", *A Manba*, Rio de Janeiro, Anno III, n. 23, 23/05/1931 (os colchetes indicam correções de erros tipográficos evidentes).

## TRAVESSIA

*Us allimãens stãon tretando a pãon-de-ló u nosso inlustre petricio, pois si u almirante inguiça e rusolbe nãon emwarcaire, entãon, é qu'elles dãon com us vurros n'agua, pois stá mais du que prubado que u seistante é indispensabel pra essas biagens d'alto mare e sómente u nosso Gajo cunbece-lib'u sigredo.*

*A culónia lusitana, savendo que baim nu ariuplano DO-X u homem du seistante, terá a cirteza de que, afinale, u culóssu cbega mesmo a Purnambuco.*

*Us allimãens, a estas boras, devem staire muito satisfaitos cum Purtugali, pois si nãon fosse u nosso Gajo Coutinbo, nunca pudiriam pensaire em similbante prueza!*

*U DO-X, purtando, birá au Vrasile, si a vordo du cuju biajare u nosso inlustre petricio cum seu celevre seistante.*

*Essa é que é a burdade, quer queiram, quer nãon queiram!<sup>12</sup>*

Ao realçar a importância dos lusitanos apoiando-se no feito alemão, o cronista português testemunha, ainda que obliquamente, o poderio germânico. O caráter genérico de tal reconhecimento faz que, nas páginas do “Zubblemend to Alle... manho”, sejam publicados vários artigos que proclamam a superioridade alemã, não só nas coisas da ciência como nas do espírito. Ao lado da viagem do “Do-x”, também a notícia de que um dirigível alemão chegaria Rio de Janeiro fornece argumentos para a exaltação patriótica. No texto abaixo, por exemplo, o articulista, ao mesmo tempo que tece seus hiperbólicos elogios, patenteia o anseio pela supremacia mundial, no campo da aviação e em outros, reiterando rivalidades históricas entre países europeus e indicando, de quebra, um certo revanchismo que resvala no militarismo, com ecos à 1ª Guerra Mundial:

*— Híp! Híp! Híp! Hurrab!... Odreveis! Hurrab!!!... Mais odreveis! Hurrab!!!...*

*Bucba, tiabo, nochmooll!...*

---

12. “A biagem du Do-x” (artigo não assinado, provavelmente de Aparício Torelly), “Supprimento de Purtugali”, *A Manba*, Rio de Janeiro, Anno III, n. 21, 09/05/1931.

Nois deng fondade te vê o gára gue vong faicê amanbang a empajatoor to Inkladera, a to Fragse, a to Nordamerriga, a to Pelcbico, a to Idalie e mais odres sucbeidínbes gue fui faicê o quera bra gonâra bro Alle... manbo, na 1914, guande vié endrá afuande brasima ta Rio te Cbanerra, a nosa crande Zeppelling, a nosa inimidavel Zeppelling, a nosa imgombarrafel Zeppelling, a nosa inzulerrafel Zeppelling, a nosa ingfensifel Zeppelling — machesdoso, serrena, imberdurpafel, tominator, uniga!

Nois deng fondade te vê e olhá peng no frende to gara to elles bra vê a tesb[e]ido, o ingf[e]cba, a otio, gom[e] elles vong figá safades, tamnades, dírrirrikes, gome gome elles vong se moriê, se rascá, se redorsê, gome ung charrarrako gue canbei ung baulade peng na meia to esbinbo!!!...

Sing, elles vong vê o Alle... manbo gue elles gueria amarâ, agorentâ, esgrafiçá nas salongs te Fersailles; aguella bofo crande, fort, badriodigue gue se lefantei bra tevendê o seu Honra, o seu Vaterland e a sua Kaiser, nong está ung bofo te esgraves inties neng affriganes, gue o Alle... manbo nong está ung golonbe ou uma tominie gue se vae sucbeidá tapacbo ta chuga esdrangberra turrande ségules e ségules seng se mecbê, seng botê cridá, seng gapeça bra bengsá.

Nong! A Graf Zeppelling veng mosdrá bra dudes pracillerres e bra dude mundo (...) gue o Alle... mnbo está ung nasong, está ung bofo que deng zangue, (...) gue deng "muki", indillicb[e]ngsie, fondade, ung bofo gue vive e gue afangsa no frende tas odres bofos!

A Graf Zeppelling est'a ung máguine moterno te ingfensong e gonsdruksong eksglucifamende allemong gue o Alle... manbo está uçande (...) bra semeá brasima de dudes gondinendes to Déra — a Cbênio, o Luz, a Garrakder e o Enercbia cbermaniques. (...) <sup>13</sup>

13. "Mais ung veis!!!..." (artigo não assinado, provavelmente de Aparício Torelly), "Zubblemend to Alle... manho", *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno III, n. 37, 16/09/1932. No mesmo número do suplemento foi ainda publicado um poema alusivo à chegada do dirigível, "Graff Zeppelling", atribuído a Franz Becker (personagem de Aparício Torelly e um dos poetas que freqüentam o suplemento); digno de nota é que a referência ao zepelim desencadeia alusões a um dos traços mais recorrentes da imagem estigmatizada dos imigrantes alemães: "O! Zeppelling! O! Zeppelling! / Gome

## TRAVESSIA

Pouco depois, tendo uma esquadilha de aviadores italianos obtido êxito na façanha a que se propusera, é a vez de Juó Bananére entrar na polémica, e reclamar para os italianos a supremacia nos ares. Conforma-se assim, em *A Manba*, um espaço discursivo singular, que se alimenta de confrontos nacionais, transferidos para um território no qual os participantes são todos estrangeiros. A exaltação nacionalista assume nítido valor afirmatório, já que as proezas cantadas potencializam a ligação das personagens com a nação distante e por extensão conferem-lhes, no plano local, uma autoridade moral nada desprezível. Elas atuam, em seus textos, como verdadeiros soldados da pátria:

*Nista storia di avuá o mondo pricisa arrispeta os intallano i dexá di cumversa afiada. Desdi o indigobrimento do ereoplano, cbe fui fazido da o Santo Do Monti, paisano mio proprio da a Galabria, até o primière voo inzima do Atrantico, cbe cbi fiz fui u generalo Di Penedo, intallano fasciste proprio do legitimo (...), sempri a aviaçó intallana tê stado a primiera migliore do L'Universimo. É vtrdadi cbi antis du Di Penedo os portogbeze Gago Bisgottinbo i Sacacura Gaporale tentáro uno voo di Portogallo, ma non tê vantagia, percbé Portogallo é allí mesimo na squina, e illos andáro gaino inzima d'acqua, i si non era unas pedra cbe tenia allí perto illos tenia murrido afogato cbi né dois pinto.*

*Tambê o Lindebergo é cangia p'ro o Balestra. Avuá uno suzinbo, non tê vantagio, percbé vai aparando no o gaminbo p'ra morçá, p'ra tirá uno gorte, i disposa vê con partis di voo indiretto. Cbe voo indiretto cbe nada! Aóra, avuá dodici ereoplano di una veze come fiz u Barba, quando vignó p'ro*

---

du está ponide asing! / No teu enorme parigo du trais / Mais te mil médres gubikes te kâis! // Du deng o bodensie te ung crande nasong! / Du está emplemma ta chênio allemong! // O! Zeppelling! O! Zeppelling! / Du afôa na Firmamende seng fing! // Chunde ta pallong / Allemmong, / As pallongs / Tas odres nasongs / Barréseng pringuetinhos / To griangsinhes / Allemongs... // Guande a chende vê a Zeppelling, / Afuando na aar, asing, / A chende figa bengersande / Che aguelle goise dong crande / Que veng am[a] nhang te matrukade / Ficitá a Brasil, / Bodia sê uma crande paril / Jeio te chopp tupla e chelade!..."



*Brasile, ai si che lo quero vê! Ai che os ereoplano apricisa sê mesimo di razza i os aviatore tê da sê quattro páu.*

*Ma p'ros Savoia Marchetti cincoantacinque, avuá uno meze sê apará né p'ra guspi é cangia. Quano uno motore Savoia Marchetti incomincia a virá, o difficili disposta é afazê illo apará. (...)*

*Os aviatore intó, da turma do Barba, o maise barbière dellis avua trez dia di gabeza p'ra baxo sê cumê i sê durmi né uno corte.*

*Os allamó anda abi gontáno storia co Zeppelinbo...*

*Che Zeppelinbo né meo Zéppelinbo! Una porcheria che p'ra acarregá mezza dozzina di gatto pingado i uno saquinbo di gartias, tê una barriga maiore do Martinelli... O Savoia Marchetti inveiz nól Uno Savoia Marchetti do tamantigno de uno Fiat tippo Ballila acarrega quattros passagiére na maziota. O Zepellinbo leva quattros dia p'ra vim da Oroppa aqui, inveiz, nois vem e vai in dois dia, uno p'ra i i uno p'ra vortá.*

*O pissoalo invejioso come os nortamarigano i os allamó, andáro dizeno che aquillo raidi dos dodici Savoia Marchetti p'ru Rie di Gianére fui pur acauso che o pissoalo xigò, perché o vento assopró ellis.*

*Istus allamó só invejioso p'ra burrol Intó áora mesimo illos non invejiaro o fascismo? Só chi o Mussolino é mesimo uno "bixo", inveiz o Istrillo aparece maise o Garlito do cinema, con aquillos bigodinbo da xirá posti che gaxorro fiz [x]ixi.*

*Ma non fá male! O Barba áora vai amostrá p'rellis cbigné o Balestra.*

*Vamos avuá di una xamada só di Roma até Xikago, una brutta quadriglia di ventis quattro avió di una veze. Vai sê una billeza da fazê a genti xurá lacrimas di intuziasmo.*

*Vai sê uno ronco só, da Intalia até Xikago, aquillo bando di pombinbas di aço, cos motore na barriga. Nois vamos insigná p'ro Sole c'oa Lua a rispettá o nomi da Intalia i a afazê a saudaçó romana quano passa uno Savoia Marchetti numero cincoenta e cinque, i p'ros Nortimarigano nois vamos amostrá p'rellis chi o Stadozunido podi tê a maiore caza do o Mondo, a maiore città do mondo, os maiore ladró do o mondo, as maiore fabbrica di fitta do o mondo, ecc, ecc, ma a migliore*

## TRAVESSIA

*aviaçõ do o mondo é intaliana, i non dimittimos discussó.  
(...)*<sup>14</sup>

Simãens Cuelho, outra das personagens salvo engano de Aparício Torelly e um dos principais colaboradores do “Supprimento de Purtugali”, logo a seguir reage às proclamações de Juó Bananére, alargando o debate. Inverte a argumentação do cronista italiano, valorizando o pioneirismo de Gago Coutinho para então cantar, a exemplo do que haviam feito seus concorrentes das páginas alemã e italiana, a supremacia portuguesa em diversos domínios.

*Us intalianos inguiçaram na Terra Noba.*

*Ningain pôde-lb'us negaire qu'elles bôaram, du facto,  
d'Urvetello inté Cbicago. E bôaram, porque cum aquelles  
artuplanos aprufaiçoados, calquere gajo pôde bôaire e atnda  
porque aquelles apirelbos, cando se lb'us dá corda, bôam inté  
saim ningain nu guidãon.*

*Pra quaim cunbece us sigredos d'abiãõn save muinto baim  
qu'u bôo du generale Vako nãon taim lá essas impurtanças  
que se lb'us quere daire.*

*A trabessia du mare du Oceano Atlantico é uma cousa já bista  
e rebista. Dispois que u Gajo Coutinho e u Seccadura Cavrale  
rualizaram a immemurabel feçanba de boaire de Lisvoa ao  
Rio de Janairo em seis mezes e quinze dias, num bidro abiãon  
de duas azas de latãon, e mutotre de libre iscapamento, já  
nãon taim mais graça a ruputiãõn du facto.*

---

14. Juó Bananére, “P’ra avuá non te come us intaliano”, em *A Manba*, Rio de Janeiro, Anno V, n. 23, 17/06/1933; p. 5. Na mesma edição do “Supprimento intaliano” Juó Bananére publicava também o soneto “Azas da Intalia”, que dialoga com a crônica: “A Intalia non é soppa nó, / Nistu assunto di avuá. / Quano ella si metti a baló / Né é bó aparlá. // Quano uno intaliano amunta n’un avió / P’ra i daqui até lá, / Ne vento, ne raio i ne trovó / É gapazze di intrapagliá. // La vai a quadriglia do Barba / Come uno bando di pombinha, / Avuáno mole, mole... // Brincáno inguanto agaminha, / Di apanhá istrellinha, / Di cendê cigarro no sole.”

*A Purtugali cave a gloria de teire buado nu tempo em que us bidro-abitiõens não buabam...*

*Purtanto, p'ra nois, us purtuguezes, que cunbecemos a fundo, isto é, como si se dissésse de cama e mesa, todos us pruvlêmas cunbéneres da nabigaçon aerea, u bôo du Valvo nada mais é du que uma simples e tribiale caganifancia.*

*Nestas cundiçõens, u nosso ponto de bista cunfêre cum a nossa affrmatiba de que us intalianos stãon irrumediabelmente inguiçados e só puderãon continuarem u bôo si pidirem infurmaçõens, intrucçõens e licença au glurioso e balente almirante Gajo Coutinbo, que flizmente abi stá bibo e baim bibo p'ra daire licçõens e quindus em todos esses peralbilbos que querem se metteire a vestas e nãoon nu savem.*

*Us intalianos cbigaram inté onde puderiam cbigaire. Dabi pur diante só puderãon lebantaire u bôo si tiberem u seistante. Mas como u seistante é sugredo dus lusitanos, já stá a beire qu'us rupazes du Muçolno só continuarãon u raide, si nus pidirem louça. Du cuntrario bãon de buaire, mais como bõam us hágedos.*

*É pruciso qu'u mundo se cunbença que Purtugali stá boje, como estebe bontem e como stará amanbã, na banguardia du cuncerto synpbronico dais naçõens.*

*Purtugali é, saim faboire, a primaira naçon d'unibérso.*

(...)

*Era isto u que tinbamos a dizaire e que prucisaba seire dito agora qu'us intalianos inguiçaram na Terra Nôba, p'ra qu'otira beiz sejam menus urgulbosos e rucunbeçam que a cumpentença em questõens de nabigaçon aérea inda stá em Purtugali.<sup>15</sup>*

Apesar dos moldes simples de composição, em que proliferam estruturas enumerativas e sugestivos exageros, os textos demonstram uma atitude genérica das personagens: elas atribuem uma superioridade intelectual, científica e tecnológica, por vezes estendida para o terreno

15. Simãens Cuelho, "Us intalianos inguiçaram na Terra Noba", *A Manba*, Rio de Janeiro, Anno V, n. 30, 05/08/1933.

cultural, à nação de origem e a seus compatriotas. Suas intervenções a um só tempo sancionam e são sancionadas por um difuso discurso nacionalista alardeado pela imprensa de então. Esta superioridade e autoridade postuladas, e que postulam, é a arma que lhes permite intervir na polêmica. Com isso, como numa sala de espelhos cujos reflexos se estendem ao infinito, eles tanto reforçam a sua imagem diante de outros imigrantes, e dos brasileiros, como reafirmam a imagem do grupo estrangeiro que representam. A operação baseia-se, de um lado, num mecanismo reiterativo.

Mesmo que os estereótipos permaneçam no horizonte, tingindo de ironia as diferentes proclamações, às personagens é conferido o poder e o direito de manifestação, de juntar suas vozes a um coro que as antecede e que prolongam, de polemizar com adversários e se rejubilar com contrerâneos. Elas expõem anseios, enunciam discursos e parâmetros, opondo-os a outros discursos e pontos de vista. O mecanismo reiterativo tem assim por complemento, de outro lado, uma estratégia que opera por contrastes.

Cada uma por seu turno, as personagens, à medida que se afirmam, reafirmam o valor daqueles que representam, de seus nacionais, imigrados ou não. Como elas o fazem tomando por referência seus oponentes do próprio jornal, também os anseios de afirmação manifestados por estes são relevados. Estabelece-se assim um confronto de que saem todos vencedores, salvo arranhões. Algo semelhante, entretanto, não pode ser dito sobre o discurso nacionalista que, porta de entrada da discussão, sai no final posto sob suspeita. Isso porque o exercício contrastivo solapa o peso específico da retórica patriótica. Sobra para esta o papel consolador de atuar como catalizador do movimento de recuperação do vínculo afetivo recalçado ou rearranjado pelo deslocamento. Vistos em conjunto, os textos questionam o caráter genérico de juízos absolutos, ficando indicado que em essência todos se equivalem. À parte seu poder de mobilização e de apelo, a paixão que desperta a ponto de embotar a ponderação, os textos desmascaram o nacionalismo ao evidenciar seu caráter a um só tempo unitário e

redundante. Em relação a ele, a câmara de eco, que isoladas cada uma das personagens significava, transforma-se em câmara de vácuo, quando consideradas em bloco as diversas intervenções.

Nos escritos até agora considerados, alusões ao Brasil e a brasileiros são marginais, o que por si indica a pouca participação do país na corrida da aviação, em que pese a importância histórica de vultos locais, em especial Santos Dumont, inclusive aqui e ali mencionado. Há momentos, entretanto, em que o tema é usado como gancho para que as personagens tratem de assuntos de interesse acima de tudo local.

Um bom exemplo aparece no "Zubblemend to Alle... manho", no relato de um suposto encontro entre o comandante do "Graf Zeppelling" e um ministro brasileiro. O diálogo dos homens ilustres é utilizado para denunciar o descaso das autoridades brasileiras pela aviação, e, por conseguinte, pelo desenvolvimento científico, tecnológico e educacional. Nas entrelinhas brota a sugestão de que a inexistência de um projeto nacional é causa e sintoma da constante instabilidade política, o que motiva o lançamento de críticas às elites nacionais.

A política, aliás, constitui o segundo tema a ser tratado:

*A zenbor toktor engchenberra allemong Hogo Eckner, brimerra gommanitande ta crande tirricbifel allemong "Graf Zeppelling", fiz ung crande gonferrengsie receriade gom a zenbor toktor Cbossê Amerriga, M. T. ministre to Flasang ta Pracil...*

(...)

*A zenbor toktor Eckner... tice gue elle dinba muide bêna gue a Pracil ainta nong dinba niuma Zeppelling, e elle brikundei bra ministre borgause te gue a Pracil ainta nong dinba faprikes te estas palongs gue uma pracilerra i[n]gfentei?*

*A zenbor Cbossê resbonti gue infelzmente a cbende ainta nong botta faicê pallongs borguê dinba brimerra gue reçoifê e ragcbá os guesdongs bolidigues gue nong techavong a coferna guitê te estes goises.*

*Endong a zenbor Eckner brikundei bra guande dempo elle*

## TRAVESSIA

*b[ra]cisava bra entirreidá as nekociés te b[o]llidigue, bra bringsibíá te faicê alguns goisés udíls? — Isto eu nong bóde ticê ekçaktamende, resbonti a ministre, chá tetsde 1822 gue a cbende está drapalbande bra reçoífê os guesdongs bolitigues mas ainta nong se bude agapa gom as parrulbes bra tispois bringsibíá te drapalbé te fertade.*

*A ministre... gondinuei ticendo:*

*— “As minbes badristies nong se vong ingommotá gom estes goicínbes insiknifigandes te ingfensongs e tesgoprímdes, e neng dampeng te gonsdruksongs. Elles cóstong mais te Gonsáiduisongs, te eleisongs, te refokusongs, te tesáruisongs, te esgulbampasongs!”<sup>16</sup>*

Com alguma frequência criada pelos autores macarrônicos, a falsa entrevista viabiliza atribuir ao entrevistado, em geral uma personalidade pública, um discurso que se volta contra ele mesmo — há um contradiscurso, aqui pressuposto e não enunciado, que na seqüência é ilustrado pela imagem da fuga “do arreauda allemong... gom as gapélles aribiades!!!...”. A despeito do subterfúgio, o texto de qualquer maneira manifesta o interesse da personagem por problemas locais.

Questões menos imediatas, de ordem mais teórica por exemplo, são ainda lembradas, e de modo análogo possibilitam a exposição de comentários ou críticas sobre a situação conjuntural. É o que pode ser visto no artigo abaixo, em que Juó Bananére, ao discutir “O gommunismo”, contrapõe ao quadro social brasileiro a utopia de uma sociedade menos injusta. Tal ponto de partida lhe permite atacar extenentistas, então interventores federais em São Paulo, acusando-os de traidores por terem abandonado a causa revolucionária em troca de regalias pessoais. Em nome dos ideais anunciados, também Getúlio Vargas tem seu poder e prestígio questionados.

---

16. “Zeppeling ueber alles...” (artigo não assinado, possivelmente de Aparício Torelly), “Zubblemend to Alle... manho”, *A Manba*, Rio de Janeiro, Anno IV, n. 41, 14/10/1932. Vale observar que vários outros temas são aproveitados pelos autores para introduzir comentários e referências à política.

*O Gommunismo é una tioria russa che dice acussi: — Tuttos nois semos uguali.*

*Non inzisti ricco né pobri sê grandi ingiusttizia suclali. Tuttos nois nascemo pillado sê uno tostó no o borso. Tuttos nois nascemo garecca sê uno gabello na a gabeza.*

*Us gabello inda a gabeza nasci inguali p'ra tuttos nois quano a genti fica maise grandi, porê a fortuna non é a misma cósia.*

*Uno che fica ricco stá arubano o otro che fica pobri. Uno chi mora inzima di [un]o palazzo gometti una ingiusttizia gontra uno chi mora imbaxo da ponti, ecc. ecc.*

*U gommunismo non dimitti istas ingiusttizia: — é tutto uguali come uno ovo co otro ovo.*

*Isto é chi é batuta!*

*Perbé amutite io ê di sê barbière i cavá a vita u dia interigno pra agambá cinque massoni, inveis chi o Gitulio Danella, móra n'un Palazzo, — tê dignêro p'ra burro, avia di mezza gara nu Do-X, manda na a genti come si a genti fossi uno simpres gavallo di tirburi?*

*Intó istu non é una grande ingiusttizia?*

*Di certo chi é si signore!...*

*Inda a Russia é tutto uguali.*

*Trabaglia us omi, trabaglia as moglière, trabaglia us ricco i us pobri i ninguê tê dignêro i ninguê tê gaza. As gaza só du governimo, i tambê as gricortura i tambê as fabbriça.*

*U governimo [é] chi dá boia p'ra a genti i dá gaza p'ra a genti. Aquí nu Brasili é una porcheria. Uno é ricco i tê palazzo, dignêro i non trabaglia, inveiz chi ôtro é pobri i a vita do o pobri aquí é uno buracco, pa a Maronal*

*Io aóra non quero maise sabê di storia!*

*Io sô gommuniste, ma gommuniste di virdade i non gome o Juó co Migué chi era gommuniste junto co Luigi Garlo i assi chi xigáro aquí caváro logo palazzo p'ra murá, tomobile di lusso, diéci gonto di réis per meze, vintes terno di robba nuova p'ra visti i quano a gente afaceva u mitingo gommuniste abutava a gavalleria inzima p'ra sparramá c'oa genti!*

*Só duos Galabáro, u Juó co Migué.<sup>17</sup>*

17. Juó Bananére, "O gommunismo", *A Manba*, Rio de Janeiro, Anno III, n. 32, 31/07/1931.

A menção a figuras de relevo da história política recente é por si indicativa da integração da personagem ao contexto local. Juó Bananére vai contudo mais adiante, colocando-se como membro da população, como um igual. Ele se irmana aos brasileiros, sobretudo àqueles que dependem do trabalho, dos quais torna-se porta-voz. Sua situação pessoal é lembrada seja para ilustrar injustiças sociais flagrantes — dado que suporta o mesmo cotidiano marcado pelo sacrifício e pela privação—, seja para denunciar o tratamento dispensado pelas autoridades a quem se indisponha com a ordem constituída. O texto deixa claro que a intervenção da personagem através das palavras complementa sua intervenção direta.

Além de tecer considerações gerais, os macarrônicos discutem ainda eventos ou problemas específicos da vida política brasileira. O debate armado em torno do processo constituinte, por exemplo, é aproveitado por um comentarista, no “Zublemendo to Alle... manho”, que questiona a validade de argumentos que defendiam que uma nova constituição bastaria para resolver parcela das dificuldades enfrentadas pela população. Em contraste com Juó Bananére, que alude a sua participação em manifestações de protesto, o cronista alemão exhibe um perfil mais intelectualizado. Mostra perceber sutilezas do jogo político, denunciando a existência de interesses escusos e processos de aliciamento dos eleitores. Seu conhecimento, sua cultura e sua experiência autorizam-no a suspeitar de práticas e discursos instituídos. Conforme sua exposição, estes funcionavam como cortina de fumaça, ocultando problemas reais e, em especial, aquela que identifica como causa principal da instabilidade política do país: a disputa pelo controle do Estado por diferentes segmentos das elites, que apenas visavam utilizá-lo em benefício próprio. Ao descompromisso dos políticos pelo bem estar dos brasileiros o cronista contrapõe, como alternativa viável, o princípio básico da doutrina democrática.

*As felbes bolidiguerres gue berti os seus bocisongs na coferna  
ta Pracil gom o Refoshusong te Oudupro, figuet zafadínbes na  
fakong gom as refoshusionarries borgause te isto.*



Nadurralmende, elles nong botia figá gondendes te bertê os "mammaterres" atonde elles jubava o vida inderro a "leide" to faquinbe leiderrê (Dessôrra Nazionaal). Acora elles nong deng mais as embregues te canbá muide e nong faicê nada e neng elles bodeng mais tar embregues bras suas barrendes e amigas eleidorres...

E gom[e] elles ia faicê bra canbá odreveis o gue elles berti? Cridá bra o gonsdíduinde bra faicê odreveis o Consdídusong! E elles fiz. Elles fui dudes bra rua cridande e ftingande a cbende ta coferna e nas cbornais... elles fiz ung gambanbe te tesmorrallizassong ta coferna, mas ticendo sómende gue elles gueria o Gonsdíduind, mas elles gueria faicê ung odre refolussong bra terupá a coferna brofiçorrie e podá uma odre dampeng brofiçorrie...

E a bofo ingcbenua e "droxa" agretidava bro elles e bras suas cbornalegues e bengsava mesma gue elles estavong cbenuinamende badriodes, zigserres e peng indengsionades.

Nadurralmende, a bofo pracilerra, gome dudes bofos tas odres nasongs, nong endende a "truck" tas sucheldes gue fais to bolidik ung brofisong e bengsa gue se a cbende deng gonsdídusong, cbá se deng drupalbe, cbá se deng bong, cbá se teng tinberra gome cbende riko, engfing: dude gue a cbende barcisa bra vivê.

Mas nong está asing. Se estava asing, endong os nasongs gue deng gonsdídusong e cofernes te bolidiguerres estavong dudes gondendes e felices. Mas nong.

(...)

Atonde deng gonsdídusongs, deng bolidiguerres e atonde deng bolidiguerres deng nekosiades e birradarries, deng o fome to bobulasong gue drupalba bra bacá imbostes bra susdengdá as bolidiguerres nas embregues ta coferna, e atonde a bofo canba fome — abi deng parrulbes, gonsbirrasongs e refolusongs.

Têche a coferna drupalbá, tar drupalbe bra a sua bofo, mantá simpora bra logche as bolidiguerres, atminisdrá gom indellibengsie e honeditade as tinberras tas imbostes.

O Gonsdi[d]uisong veng tispois, sócinbe, seng parrulbes neng

## TRAVESSIA

*cridarries. É a bofo gue baca as imbostes, sómente a bofo deng  
tirreido bra coferná o nasong.<sup>18</sup>*

Os fragmentos selecionados indicam que a atenção das personagens por questões especificamente brasileiras complementa a sua adesão ao discurso nacionalista dos países de origem. Delineia-se assim o entre-lugar que ocupam, ou, talvez melhor, o espaço-entre, estratégico dada a liberdade de trânsito outorgada. Elas são construídas com base em uma dupla alocação, a partir de uma perspectiva gêmea, de modo que liames com a nação natal são não apenas mantidos como expandidos, já que a eles se somam novos vínculos, estabelecidos com a nação para onde se deslocaram.

Dos macarrônicos, por isso, pode ser dito que vão de encontro ao mito de que há, para cada ser humano, um território, um lugar próprio, familiar como uma casa, que funda e corresponde a uma identidade. Mais que isso, a experiência do deslocamento, longe de ser vista como motivo de lamentos nostálgicos, comiseração ou sentimentalismo, torna-se afirmativa, dá sentido e sustentação às manifestações das personagens. Elas mostram, com seu exemplo, que o imigrante pode não ser visto como alguém que necessariamente sofre com o afastamento, mas como alguém capaz de compensar a ausência, de transformar em vantagem o que de maneira geral tende a ser considerado uma perda traumática, uma espécie de amputação. A experiência do deslocamento é usada para avaliar a situação de momento, não é desprezada e nem se torna motivo de vergonha. Isso faz que as representações preservem o amor próprio, a estima por si, recuperem algo do saber e da autoridade dos seres simbolizados. Também nesse aspecto um respeito à diferença é garantido.

---

18. "Gonsdiduisongs" (artigo não assinado), "Zubblemend to Alle... manho", *A Manba*, Rio de Janeiro, Anno IV, n. 30, 29/07/1932.

Esse movimento, em que as atenções se voltam para o país de emigração e para o de imigração, indica a inexistência de alienação seja com respeito ao passado nacional seja com respeito ao presente na nova nação. Ambos são foco de interesse e motivam a atuação das personagens, que não se deixam constranger por sua vida pregressa e tampouco mostram-se avessas a dados locais. Elas participam da "ordem da nação" para onde vieram, mas sem se identificar completamente, sem se anular por esta ordem. Não pagam o preço do esquecimento nem o da nostalgia, alternativas que lhes custariam a manutenção do senso crítico. O transitar acarreta a consideração de outros pontos de vista, de outros possíveis modos de ser, em relação aos quais posicionamentos excêntricos são ensaiados e/ou estabelecidos.<sup>19</sup> Instala-se, no espaço do jornal, uma política fundada na diversidade e no aceitação ou respeito mútuo.

Em que pese ao fato de serem representações de imigrantes, e portanto, invertendo a referência, de emigrantes, as personagens desafiam e subvertem a categoria ou a ordem do "nacional", ao menos no modo exclusivo com que é tradicionalmente pensada: a exclusão de fato da nacionalidade original e a exclusão de direito da nação em que se alojam são compensadas pela inserção num fluxo discursivo, com o que se resgata, simbolicamente ao menos, a condição de cidadania, agora em mão dupla. Elas falam como estrangeiros e como brasileiros.<sup>20</sup>

Se a defesa de interesses de suas pátrias serve para que se afirmem no novo ambiente, enquanto alteridade, ao se voltarem para assuntos locais, por outro lado, elas se mostram integradas a esse outro contexto. Com suas incursões no campo da política, a princípio a elas

---

19. Sobre a identificação entre "ser" e território, bem como sobre o problema da nostalgia e do olvido, ver Richard Sennett, "El extranjero", em *Punto de vista* (Revista de cultura), Buenos Aires, n. 51, abril/1995; pp. 38-48.

20 Para uma discussão sobre o processo de exclusão de i/emigrantes da ordem nacional, ver Abdelmalek Sayad, "A ordem da imigração na ordem das nações", em *A imigração*, ob. cit.

interdito, e proibido por princípio de direito, elas se afirmam também como cidadãos na e da nova nação. Fazendo isso nas crônicas e reportagens, ao reivindicarem além do que seria esperado e desejado de um imigrante, ao não se restringirem a apenas louvar o antigo país, elas rompem o estereótipo e, o que é crucial, violam a política da exclusão. Acabam, dessa forma, por desafiar e transpassar “o papel de imigrantes” que lhes fora destinado.<sup>21</sup>

Quando interferem no debate político, as personagens ao mesmo tempo colocam em questão a suposta “normalidade” da situação brasileira. O engodo que perpassa o jogo do poder, a manipulação e o domínio da população pelas elites é por elas analisado conforme um prisma que lhes é característico: o do estranhamento. Colocando-se sob a perspectiva do deslocamento, fazendo uso de experiências acumuladas, elas podem relativizar, comparar. Isso por sua vez surge em abono do freqüente recurso dos autores a estruturas contrastivas — estas acabam por funcionar como princípio de composição que mimetiza o empreendimento de estrangeiros que nem se deixam absorver totalmente pela nação nova e nem se deixam sufocar por um passado perdido de suposta harmonia.

O estranhamento simultaneamente torna viável a construção, por elas, de imagens da nação e dos cidadãos brasileiros que diferem daquelas aceitas pelo senso comum, impostas pelos grupos dominantes e seus formadores de opinião. Como num choque de esferas, esse olhar deslocado, e deslocador, faculta aos leitores, caso levem a “sério” os entrevôos macarrônicos, introjetar a experiência do deslocamento, conseguindo assim enxergar o país de modo distinto de como se desejava que fosse visto, e de ver a si próprios como diferentes do que imaginavam ou queriam crer que fossem. As intervenções macarrônicas podem

---

21. Para uma discussão sobre o “papel de imigrante”, ver Abdelmalek Sayad, “O que é um imigrante?”, em *A imigração*, ob. cit.

portanto levar os leitores a perceber, no familiar, o estranho.<sup>22</sup>

Essa potencialização da crítica, fundada numa interpretação da consciência do ser estrangeiro, é uma das principais lições que os autores macarrônicos oferecem com a transposição da experiência do deslocamento. Tomada no que possui de positivo, como lição de arte sobre como “lidar creativamente con su propia condición desplazada, con los materiales de la identidad”<sup>23</sup>, esta experiência testemunha a pertinência e a instigante atualidade do gênero macarrônico.

---

22. Sobre a questão, ver Priscilla Wald, *Constituting americans* (Cultural anxiety and narrative form), Duke UP: Durham and London, 1995.

23. Richard Sennett, “El extranjero”, texto citado; p. 44.